



O que aconteceu com o *Gênero Neutro Latino*?

Mudança da Estrutura Morfossintática do Sistema Flexional Nominal durante a Dialeção do Latim ao Português Atual

Valéria Neto de Oliveira Monaretto¹

Caroline de Castro Pires²

RESUMO:

O que aconteceu com o gênero neutro latino? — Com base nesta indagação, acerca da ausência da flexão de gênero neutro no português atual, este artigo tem por objetivo prover possíveis respostas a este questionamento. Para tanto, este estudo, fundamentado na linguística histórica, pretende investigar as mudanças da estrutura morfossintática dos nomes durante a dialeção do latim às línguas românicas. Assim, realizou-se uma análise comparativa entre a flexão dos nomes em português arcaico e em português atual, sob a óptica da flexão nominal de gênero, de forma que esta análise possibilitasse uma sistematização do fenômeno da mudança.

Palavras-Chave: Mudança linguística - Latim - Língua Portuguesa - Flexão Nominal - Morfossintaxe.

ABSTRACT:

What happened to the Latin Gender Neutral? What happened to the Latin Neutral Gender? - Change of Morphosyntactic Structure of Nominal Inflection System during the transition from Latin to the Portuguese.

What it happened with the Latin neutral gender? - On the basis of this investigation, concerning the absence of the inflection of neutral gender in the current Portuguese, this article has for objective to provide possible answers to this questioning. For in such a way, this study, based on the historical linguistic, it intends to investigate the changes of the morphosyntactic structure of the names during the change of the Latin to the Romanic languages. Thus, a comparative analysis was become fulfilled enters the inflection of the names in archaic Portuguese and current Portuguese, under the optics of the nominal inflection of gender, of form that the analysis made possible a systematization of the phenomenon of the change.

Key-Words: Linguistic change - Latin – Portuguese Language - Nominal Inflection – Morphosyntax.

¹ Co-autora e orientadora, professora doutora em Linguística e Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: monar@terra.com.br.

² Autora, graduada em Letras Modernas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e graduanda em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: karol.de.castro@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

As línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. E é essa dinâmica que constitui o objeto de estudo da lingüística histórica (FARACO, 1991, p.9). Sob este pressuposto, define-se linguística histórica o ramo da linguística que estuda as mudanças da língua, sendo essas de cunho fonético-fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e pragmático; ou seja, estuda as mudanças linguísticas em todas as suas instâncias. É importante ressaltar, também, que a mudança afetará sempre partes do sistema linguístico e nunca o sistema inteiro, o que acarreta, muitas vezes, na não percepção das mudanças por parte dos falantes. À linguística histórica, cabe o papel de tornar o falante consciente de que todas as línguas mudam.

Sob este prisma, é importante salientar que esta mudança é contínua, lenta, gradual e relativamente regular. Assim sendo, pode-se concluir que um fenômeno linguístico que ocorra em um determinado momento histórico de uma língua poderá ocorrer, conseqüentemente, em outro momento dessa mesma língua.

Assente o exposto acima, utilizar-se-á deste pressuposto para analisar as mudanças linguísticas de cunho morfológico — flexão de gênero — presentes nos nomes, no *português arcaico* (séculos XII-XVI), a partir das mudanças provindas da dialeção do latim para as línguas românicas. Tentar-se-á, deste modo, apontar o quanto essas mudanças ocorridas no eixo *latim - português arcaico* são refletidas no *português atual*.

Outro ponto interessante a ser levantado é o indício de que os registros em português arcaico não se submetem à presença de uma normatização vigente; isto é, na época em que os textos foram escritos, as normas e padrões prestigiados de uso da língua, hoje, ainda não haviam sido estabelecidos pelos gramáticos.

Dessa maneira, o português arcaico escrito era, em suma, uma possível representação do português falado na época e movia-se paralelamente ao português padrão ensinado para raros estudantes nas escolas da idade média. Por conta desse fato, os registros escritos da época são permeados por muita variação, não se valendo apenas



da variação gráfica (pois as primeiras propostas de adequação ortográficas só ocorreram no século XVI), como também de variação morfológica e sintática. Logo, é importante reforçar que a variação presente nos textos do período do português arcaico fornecem dados significativos para o processo histórico da mudança linguística, uma vez que esses textos parecem pender mais para os registros da oralidade que para a normatização da escrita presente nos textos mais recentes escritos em língua portuguesa.

1. A MORFOSSINTAXE DA FLEXÃO NOMINAL: Primeiros Passos

Ao considerar o período da dialeção do latim para o português arcaico como referência para este estudo, há a necessidade de esclarecimento de alguns pontos que serão observados neste trabalho. Porém, primeiramente, é importante ressaltar que a análise será de cunho morfossintático, pois os elementos serão registrados como referentes ao *sintagma nominal* (SN), que é uma categoria sintática que possui o substantivo como núcleo básico. Assim, *na morfologia do SN focalizaremos os elementos referentes à flexão nominal, partindo do classificador vogal temática (VT) para as representações mórficas do gênero* (SILVA, 2006, p.99). Utilizar-se-á das propostas de Mattos e Silva, Mattoso Câmara Jr. Said Ali, Ismael Coutinho, Paul Teyssier, Saussure, entre outros, como referência, para melhor fundamentar e sistematizar as análises levantadas neste artigo.

Assim, antes da análise propriamente dita da mudança do sistema flexional de gênero, deve-se, por ilustração, lançar um olhar para os documentos mais antigos escritos em língua portuguesa, como o *Testamento de Afonso II* (1214), a *Notícia de Torto* (1211-16), ou ainda a *Notícia de Fiadores* (1175), para constatar que, nesta época, a morfologia flexional do latim clássico, que marcava o número, o gênero e a função sintática (caso) dos nomes já não estava mais presente. Ao analisar a *Notícia de Fiadores* (1175) por alto, é possível constatar o que foi dito acima:

Texto Original

Noticia fecit pelagio romeu de fiadores Stephano pelaiz .xxi. solidos lecton .xxi. soldos pelai garcia .xxi. soldos. Gūdisaluo Menendice. xxi soldos /2 Egeas anriquici xxxta



soldos. petro cõlaco .x. soldos. Gūdisaluo anriquici .xxxxta. soldos Egeas Moníci .xxti. soldos [i l rasura] lhoane suarici .xxx.ta soldos /3 Menendo garcia .xxti. soldos. petro suarici .xxti. soldos Era Ma. CCaa xiitia Istos **fiadores** atan .v. **annos** que se partia de isto male que li avem

Fonte: Reprodução do original digitalizado pertencente ao Instituto Camões
Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html>

Texto na grafia atual

Pelágio Romeu fez notícia de seus fiadores: para Pedro Colaço, devo dez contos; para Estevão Pais, Leitão, Paio Garcia, Gonçalo Mendes, Egas Moniz, Mendo Garcia e Pedro Soares, deve vinte contos; para João Soares, trinta contos, e para Gonçalo Henriques, quarenta contos. Agora estamos em 1175, e só daqui a cinco anos terei que pagar esses patrícios.

Tradução nossa.

Neste exemplo, as palavras *notícia*, *fiadores*, *annos*, apresentam sua morfologia flexional tal qual nos dias de hoje, diferentemente do que ocorreria em latim, onde estas palavras apresentariam a terminação morfológica flexional correspondente ao caso a que elas pertenciam. Isto prova que a complexa morfologia flexional dos nomes, em latim, passou por um processo de simplificação durante a dialeção do latim para as línguas românicas.

Este processo de mudança teve como fator principal, já retratado por Saussure (1977, p.167) em seu *Curso de Linguística Geral, motivações fônicas*. Esse fator fônico teve vultos devido à ocorrência de um grande número de variantes na época; isso foi causado pela variedade de falantes de latim de origens diversificadas. É importante dizer que este processo teve como principal consequência não somente a simplificação morfológica dos nomes em latim, mas também propiciou a reestruturação organizacional das orações latinas em sua dialeção para as línguas românicas.

Dessa forma, a função sintática não seria mais marcada pela morfologia do caso dos nomes, mas pela ordem das palavras na oração que se tornou mais rígida e fixa; a função sintática também passa a estar atrelada às relações semânticas entre os



sintagmas da frase e há um florescimento das preposições, essas últimas já existiam em latim ligadas, principalmente, aos casos ablativo e acusativo, mas que, nas línguas românicas, passaram a marcar outras funções sintáticas, com exceção da função de sujeito e de complemento direto de verbos.

Por conta deste fato, *na morfologia do nome e dos elementos do SN no primeiro período documentado do português, tal como hoje, vão remanescer, como elementos constitutivos: o classificador nominal, vogal temática (VT); a marca não geral do gênero feminino <a> e a marca geral do número plural <s>* (SILVA, 2006, p.101).

2. A MORFOSSINTAXE DA FLEXÃO NOMINAL: Análise Diacrônica

O latim era, em sua morfossintaxe e ao contrário das línguas românicas, uma língua sintética, na qual as diferentes estruturas morfológicas e funções sintáticas eram expressas pela flexão; logo, as informações de gênero, número e funções exercidas pelas palavras no contexto eram traduzidas pelas terminações de caso das palavras; porém, pouco restou das declinações do latim clássico no latim vulgar e, conseqüentemente, nas línguas românicas.

Este fato deve-se ao processo da dialeção do latim que produziu uma simplificação da declinação nominal desaparecendo muitas de suas formas, sobrevivendo apenas duas formas oriundas do acusativo latino (uma para o singular e outra para o plural); assim, as relações que o latim exprimia pelas desinências casuais passaram a ser expressas por preposições; os gêneros, com a supressão do neutro, reduziram-se a dois; a morfologia verbal também foi bastante simplificada nesse processo.

Por outro lado, com o surgimento das preposições a partir das quatro formas saídas do acusativo, diferenciadas em número e em gênero — *illum, illam, illos, illas* — dão origem a *lo, la, los, las*. Estes artigos ocorriam, frequentemente, antes de palavras terminadas por vogal (ex.: *vejo lo cavalo*), o que acarretou, devido às mudanças fonológicas verificadas na passagem do latim para as línguas românicas, e em especial no caso da língua portuguesa, que *o l desapareceu a semelhança de todos os l da língua*



que se achavam em posição intervocálica, com o que se chegou às formas *o, a, os, as* (TEYSSIER, 2009, p. 17); e, para compensar o empobrecimento da morfologia dos nomes, a ordem das palavras torna-se mais rígida.

Sobre as declinações existentes no latim clássico, de maneira mais resumida, pode-se dizer que houve o desaparecimento da quarta e quinta declinações que foram incorporadas pelas três primeiras, houve também o desaparecimento de todos os casos com exceção do nominativo e do acusativo. Posteriormente, com a queda do nominativo, no português arcaico, a distinção de caso se extinguiu, permanecendo apenas a flexão de número do latim clássico. Assim sendo, os substantivos e os adjetivos da língua portuguesa conservam, quase que na sua totalidade, uma forma oriunda do acusativo latino (*caso lexicogênico* do português), que passou a exercer a função de sujeito, de objeto verbal e de objeto preposicionado.

Isto posto, para uma melhor compreensão da morfologia do sistema flexional dos nomes no português arcaico, é importante versar sobre os elementos constitutivos desse sistema, sendo eles a vogal temática e o morfema responsável pela flexão de gênero dos nomes. Cabe reforçar que a flexão de número não será abordada neste artigo.

Abaixo, está um quadro que representa as formas do nominativo e acusativo de primeira e segunda declinações, singular e plural, durante a dialeção do latim, e, portanto, presentes no latim vulgar; e que, com o desaparecimento do nominativo, manteve apenas o acusativo sobrevivente às línguas românicas que originaram os gêneros masculino e feminino dos nomes do português atual:

	SINGULAR		PLURAL	
NOMINATIVO	<i>luna</i>	<i>dominus</i>	<i>lunae</i>	<i>domini</i>
ACUSATIVO	<i>lunam</i>	<i>dominum</i>	<i>lunas</i>	<i>dominos</i>

Quadro 1: Formas do Nominativo e Acusativo

2.1 Classe Mórfica dos Nomes: Vogal Temática

Assim como os verbos são subdivididos segundo sua vogal temática (VT), os nomes também podem ser classificados por este prisma. As declinações latinas, nas



gramáticas pedagógicas, tinham a organização de seus paradigmas de acordo com a VT das palavras, visando uma estruturação e compreensão por parte do estudante de latim. Classificava-se, então, as palavras em cinco paradigmas, ou seja, as cinco declinações identificadas pelas VTs <a, o/u, i/e, u, e>. Durante o processo de simplificação morfológico-flexional dos nomes, simplificou-se, também, a distribuição dos nomes em paradigmas segundo a VT, reorganizando as palavras, durante o latim imperial falado (base das línguas românicas), em três paradigmas, passando os nomes de quinta declinação aos da terceira, e os da quarta aos da segunda. Esta incorporação deu-se por meio de semelhanças fônicas e economia funcional e estrutural.

Segundo Mattoso Câmara Jr (2004, p.94-5) os nomes em língua portuguesa (substantivos e adjetivos) podem ser classificados quanto a VT que, nesse caso, apresentam VTs <a, o, e>, para os nomes temáticos e VT zero (Ø) para os nomes atemáticos, estes últimos têm radical no singular terminado por fonemas consonânticos /l, r, s, n/. Assim sendo, no período arcaico, os nomes podem ser distribuídos, segundo sua VT, da seguinte maneira:

NOMES TEMÁTICOS	NOMES ATEMÁTICOS
VT <a>: guarvaia, alfaiá, correa	VT Ø: senhor, luz, paz, animal, baron
VT <o>: mundo, amigo, desejo	Neste caso, a VT aparece na forma plural: senhores, luzes, pazes, animaes, barões.
VT <e>: morte, nome, saúde	

Quadro 2: Divisão dos nomes quanto a vogal temática (VT).

Abaixo, seguem algumas considerações sobre a VT no período arcaico:

- a) No período arcaico, nomes que hoje são incluídos no grupo VT <e> eram pertencentes ao grupo VT Ø, tais como: *árvor, cárcer, mármor* (árvore, cárcere, mármore).
- b) São considerados atemáticos os nomes oxítonos terminado em vogal como pé, pó, cru, nu — que possuíam a grafia no português arcaico *pee, poo, cruu, nuu* — este fato permite a percepção de que a VT etimológica fundiu-se à vogal do radical por crase, o que os tornaria nomes de VT explícita.



c) Há nomes, no período arcaico, que são terminados por vogal acentuada, mas com VT Ø, como em *fê*.

d) São considerados atemáticos os nomes como *amiga, filha, monja*, por terem o *-a* como morfema de gênero acrescentado ao radical, apagando o <o, e> próprio do correspondente *amigo, filho, monge*.

A partir do exposto acima, de que os nomes em língua portuguesa são classificados conforme sua VT, pode-se concluir que, de maneira geral, os nomes do português atual conservam a mesma VT do português arcaico, salvo as diferenças já destacadas supra.

2.2 Gênero dos Nomes

Quanto ao gênero dos nomes no português atual, as palavras podem ser femininas ou masculinas. Os nomes de gênero feminino e gênero masculino também estavam presentes no latim vulgar, porém com uma peculiaridade, já que em latim havia um terceiro gênero: o *neutro*. No português atual, sabe-se que as formas neutras dos substantivos e adjetivos latinos foram absorvidas ora pelas palavras de gênero masculino ora pelas de gênero feminino, não apresentando atualmente expressão gramatical para a categoria semântica neutra.

A flexão de gênero em português é caracterizada pelo emprego do morfema *-a* para o gênero gramatical feminino e pelo morfema zero (Ø) para o gênero gramatical masculino; ou seja, não marcado por morfema algum, assim como ocorre com o plural em português, que possui o morfema *-s* para o plural e morfema zero para o singular.

Como já supracitado, os gêneros masculino e feminino do português atual têm sua origem nas desinências do caso latino acusativo, sendo o acusativo de segunda declinação (*-um*) responsável por formar os nomes masculinos e o acusativo de primeira declinação (*-am*) responsável pelos nomes femininos (COUTINHO, 1970, p. 233).

Em síntese, tem-se:



Exemplo do Latim para o Português Atual	
Templum (templo)	Rosam (rosa)
Desinência –UM do acusativo de segunda declinação	Desinência –AM do acusativo de primeira declinação
UM > U > O	AM > A > A

2.2.1 Tipos de Nomes quanto ao Gênero

Quanto ao gênero, os nomes em português atual, podem ser classificados de acordo com os seguintes tipos (CÂMARA JR, 2004, p.93),:

1. Nomes de gênero único
2. Nomes de dois gênero com flexão redundante
3. Nomes de dois gêneros sem flexão redundante

Cabe ressaltar que a classificação dada à análise do gênero no português atual também pode ser prestada ao português arcaico, salvo as diferenças próprias como as alomorfas decorrentes das regras fonológicas ainda não aplicadas que serão comentadas mais adiante.

Fernão de Oliveira, que descreveu a primeira análise da língua portuguesa em 1536, aborda a temática do gênero da seguinte maneira: *porque era longo compreender tantas variedades de terminações, ajudou-nos a natureza e uso da nossa língua com os artigos, os quais sempre das mais vezes acompanham os nomes cuja companhia declara os gêneros desses nomes.* (OLIVEIRA *apud* SILVA, 1975, p.114).

Ao analisar a afirmação de Fernão de Oliveira e considerar o latim clássico com suas terminações de caso, Silva (2006, p.114) aponta, segundo o gramático, uma mudança significativa na língua, afirmando que a introdução dos artigos “ajudou-nos a natureza e uso da nossa língua” frente as “tantas variedades de terminações”. Portanto, a introdução dos artigos não só facilitou o uso da língua como passou a indicar o gênero



dos nomes. Porém, a reflexão de Fernão de Oliveira refere-se apenas aos nomes de dois gênero com flexão redundante, em que o artigo soma-se ao morfema *-a* do gênero feminino que se oporá ao morfema zero \emptyset do gênero masculino não marcado.

Na falta do artigo, o que determinará o gênero de uma palavra será a concordância do núcleo do SN com um *determinante*, representado pelos artigos definidos, pronomes demonstrativos e pronomes possessivos; com um *quantificador*, que podem ser *indefinido* (artigos indefinidos e pronomes indefinidos) ou *definido* (numerais); com um *qualificador*, adjetivos ou sintagmas adjetivais (SADJ); ou, ainda, com *elementos não exclusivos dos nomes*, como advérbios, conjunções, etc.

Assim, o gênero é um traço semântico inerente aos substantivos e, intrinsecamente, nunca pertencerá à escolha do falante. Este fato, presente no português atual, também era vigente ao português arcaico, e este último herdou do latim, principalmente ao que se refere à concordância dos adjetivos de primeira classe (como *bonus, a, um*) com seus determinantes, estes qualificadores possuíam flexões diferentes para o masculino, feminino e neutro e isto indicava o gênero do nome. Lembre-se de que não existiam artigos no latim, esta é uma inovação das línguas românicas e que o artigo se tornaria o principal indicador do gênero dos nomes e principal determinante dos mesmos.

A seguir, no desdobramento desta seção, encontram-se considerações essenciais acerca dos tipos de nomes quanto ao gênero e que fundamentariam algumas das diferenças básicas entre o português arcaico e o atual.

2.2.1.1. Nomes de tipo 1

Sobre os nomes do tipo 1; ou seja, os nomes de gênero único, em sua maioria, o gênero coincide com o do português atual, salvo as diferenças a seguir:

1. Existiam nomes que hoje são femininos e que eram masculinos no período arcaico, por exemplo, os nomes terminados em *-agem*: como *linguagem* e *linhagem*.



2. Existiam nomes que hoje são masculinos e que no período arcaico eram femininos, por exemplo, *a mármore, a fim, a valor, a cometa, a planeta*. Estes dois últimos, entraram no latim importados do grego, onde terminavam em alfa, apesar de masculinos; logo, conservaram o *-a* final no latim, sendo incorporados pelo gênero feminino no período arcaico.

3. Existiam nomes que ocorriam tanto na forma masculina como feminina, como *dor, cor, flor, fonte*. Neste caso, estas palavras eram de gênero masculino em latim, mas passaram para o português como femininos; assim como *pez* e *vale* que etimologicamente eram femininos e passaram ao português atual como masculinos.

Essa variação presente nos nomes de gênero único, no período arcaico, praticamente não é verificada no português atual; já que, a maioria dessas palavras, em sua etimologia, eram nomes neutros no latim, nomes abstratos, ou, ainda, nomes de origem grega terminados em *-a*, como *planeta, cometa*. Estes últimos eram femininos no período arcaico da língua portuguesa por terminarem em *-a*, mas passaram a masculino no português atual. Houve, assim, um retorno, durante a dicionarização desses vocábulos, em consideração à origem grega de tais palavras, pois esses nomes apresentavam gênero masculino em sua essência.

Ao saber que o gênero, como categoria gramatical, tanto em latim quanto em português não é motivado extralinguisticamente, e, sim, linguisticamente, à exceção do subgrupo do tipo 2 — único em que há uma influência externa à língua, pois há uma correspondência entre gênero gramatical e biológico — e lembrando do fato de que o gênero neutro latino se distribuiu entre os gêneros masculino e feminino, é bem compreensível a existência de um *pêndulo oscilante* entre os nomes de gênero único num dado momento da história da língua portuguesa, principalmente em um momento em que ainda não haviam estabelecido qualquer tentativa de normatização vigente, o que só ocorreria no século XVI.



2.2.1.2. Nomes de tipo 2

No grupo dos nomes do tipo 2, inserem-se os nomes de dois gêneros com flexão redundante, cuja raiz termina em /r,l,s/ que ocorriam no português arcaico sem flexão redundante, de modo geral.

Nas cantigas medievais, é frequente a presença de *senhor*, *pastor*, etc, tanto para referir o gênero masculino quanto o feminino, acarretando a identificação do gênero correspondente pela concordância com um *determinante*, com um *quantificador*, com um *qualificador*, ou, ainda, com *elementos não exclusivos dos nomes*. Esta relação de identificação do gênero pela concordância do nome com um elemento também é verificada com os nomes do tipo 3, que serão abordados mais adiante.

Um exemplo de nomes do tipo 2 pode ser observado na cantiga de Martin Soares (primeira metade do século XIII). Na cantiga abaixo, o gênero da palavra *senhor* só é identificável pelo pronome possessivo feminino (determinante) *mia* que acompanha a palavra:

*Mal conselhado que fui, mia senhor,
quando vos fui primeiro conhecer,
ca nunc'ar pudi gran coita perder,
nen perderei ja, mentr'eu vivo for!
Nen viss'eu vos, nem quen mi-o conselhou!
Nen viss'aquel que me vos amostrou!
Nen viss'o dia 'n que vos fui veer!*

Fonte: Reprodução do original digitalizado pertencente ao Instituto Camões
Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html>

Esta concordância com um determinante, qualificador, quantificador ou elementos não exclusivo dos nomes, presente nos nomes do tipo 2, também é percebida na primeira estrofe da *Cantiga da Garvaia*, de Pai Soares de Taveirós, considerada o texto mais antigo escrito em galego-português, provavelmente do final do século XII:

*No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me vay,*



ca ja moiro por vos — e ay!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraya
quando vus eu vi en saya.
Mao dia que me levantei
que vos enton nom vi fea!
E, mia senhor, des aquel di'aya!
me foi a mi muyn mal,
e vos, filha de don Paay
Moniz, e ben vuz semelha
d'aver eu por vos guarvaya,
pois eu, mia senhor, d'alfaya
sunca de vos ouve nen ei
valia d'ũa correa.

Fonte: Reprodução do original digitalizado pertencente ao Instituto Camões
Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html>

No exemplo da cantiga acima, a identificação do gênero da palavra *senhor* dá-se pelo pronome possessivo feminino (determinante) *mia* e pelos adjetivos (qualificativos) *branca* e *vermelha* que concordam com o pronome.

Outro exemplo é o refrão da *Cantiga de Louvor* a Santa Maria, de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela, que evidencia que também no plural é a forma masculina que era utilizada no português arcaico, fazendo com que se identifique a forma feminina pela concordância:

Rosa das rosas e Fror das frores,
Dona das donas,
Senhor das senhores.

Fonte: Reprodução do original digitalizado pertencente ao Instituto Camões
Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html>



2.2.1.3. Nomes do Tipo 3

Sobre os nomes do tipo 3; isto é, nomes de dois gêneros sem flexão redundante, havia nomes de VT <e> que são desse tipo no português atual, mas que ocorriam como nomes do tipo 2 no período arcaico: como verificado no *Cancioneiro Medieval Português* em que ocorrem as formas *sargente/sargenta*, *servente/serventa* (servo); já no *Orto do Esposo* (final do século XIV) aparecem *servente*, *sergente* (como masculinos) e *sergenta* (como feminino) (SILVA, 2006, p. 104).

2.2.2 Alomorfa³ do Morfema de Gênero

As mudanças que as palavras sofrem, durante a sua evolução, remetem a vários fatores, sendo o principal o que os linguistas chamam de *condições favoráveis à mudança*. Assim, se tais condições são propícias, as mudanças ocorrerão em qualquer instância da língua.

No que se refere ao processo da mudança do sistema flexional, estudado neste artigo, os fonemas constituídos pelo material sonoro da língua, estão sujeito à lei fatal das transformações. Cada geração altera, inconscientemente, segundo as suas tendências, as palavras da língua, tais alterações tornam-se perfeitamente sensíveis, depois de decorrido muito tempo. Estas alterações podem ocorrer por intermédio das leis fonéticas ou por analogia, lembrando que este último, o processo análogo, não pode ser considerado uma mudança, já que não implica a queda de uma forma pré-existente, mas possibilita que duas formas coexistam. Assim sendo, os casos em que o português arcaico distingue-se do português atual são notados justamente porque as regras fonológicas verificadas no período atual da língua portuguesa não haviam sido aplicadas no período arcaico.

³ Alternância, heteronímia, é a variação de um morfema sem alterar o significado do mesmo. Na língua portuguesa, há a alomorfa de timbre da vogal tônica como no par *avó –avô* e uma alomorfa redundante, como no par *formosa – formoso*, em que há uma alteração de timbre na forma feminina (timbre aberto) e o acréscimo do morfema –a do feminino à palavra. A flexão dos nomes em português apresenta comumente um *alomorfe* de alternância vocálica: para a oposição feminino – masculino e plural – singular. (Adaptado de Câmara Jr. 1999, p.47).



Segundo Silva (2006, p.104-5), ao observar-se textos do período arcaico, é possível deparar-se com as formas *irmãã*, *ermitãã*, *sãã*, *vãã*, etc, com a VT nasalizada. Isto mostra que a fusão das nasais idênticas (VT + morfema feminino) por crase não ocorria nesses nomes, pelo menos na escrita, que possuíam como correspondente masculino a terminação *-ão* (< *-anu*, do latim).

Porém, um ponto comum, tanto ao português arcaico quanto ao atual, é a presença de pares de nomes, do qual cada par é representado por uma palavra de gênero único para se referir aos gêneros biológicos masculino ou feminino. O português atual utiliza-se de processos derivacionais que apresentam semelhanças e diferenças com os processos ocorridos no período arcaico. Por exemplo, *a galiha* era o correspondente semântico e feminino de *o galo*; *judeu* ocorria com *judea*, não com *judia*; e *sandeu* ('louco') ocorria com *sandia*.

2.2.3 O Desaparecimento do Gênero Neutro

Segundo Coutinho (1970, p.229-30), deveriam somente seres inanimados pertencer ao gênero neutro, como ocorria no indo-europeu. Porém, no latim, seres inanimados também poderiam pertencer ao gênero masculino ou ao feminino, além do neutro. Este tipo de classificação latina provocava certa oscilação no agrupamento das palavras latinas quanto ao gênero neutro. Esse fato dava-se principalmente porque o gênero tem motivação externa para os nomes de tipo 2. Esses equívocos referentes ao emprego do neutro — uso da forma masculina em detrimento da neutra, por exemplo — ocorriam inclusive com escritores como Plauto (escrevia *dorsus*, não *dorsum*), Lucrécio (escrevia *caelus*, não *caelum*) e Petrônio (escrevia *balneus*, não *balneum*).

Alguns estudiosos da linguística histórica salientam que o desaparecimento do neutro deu-se pela confusão com o gênero masculino dos casos nominativo, vocativo e acusativo que possuíam terminações idênticas para ambos os gêneros. Além da confusão morfológica, também se presenciou, na época, uma confusão fonética pela queda, no latim vulgar, do *-s* e *-m* final nas palavras.

Por conta desse dado, não se podia mais distinguir as formas masculinas *cantu(s)* e *hortu(s)*, das neutras *templu(m)* e *cornu(m)*. Foi apagado, assim, a única marca



distintiva fonética existente e, por analogia, resultou na absorção dessas palavras neutras para o grupo das masculinas. Da mesma forma, as palavras terminadas em *-a*, no nominativo, vocativo e acusativo – por analogia – foram absorvidas pelo gênero feminino.

Cabe ressaltar que esta assimilação das palavras para o grupo das masculinas ou femininas, por analogia, remete ao que acredita-se que seja a regra geral para a origem da classificação relativa ao gênero nas palavras do português atual, nada impede que exceções à regra tenham ocorrido. No entanto, é importante lembrar que as mudanças linguísticas ocorrem de forma lenta, gradual, contínua e regular, dessa forma, havendo condições propícias para que a mudança ocorra o fenômeno se confirmará.

No português atual, são poucos os resquícios do gênero neutro, sendo que mantemos a noção de neutralidade apenas no grupo de pronomes como *tudo*, *isso*, *aquilo*, *algo*. Em latim, era comum a desinência neutra assumir um papel de qualificativo, se substantivada, por exemplo, *pulchrum* (o belo). Este fato perdurou até a atualidade, pois utiliza-se a forma *belo* de maneira neutra, assim como ocorria com os adjetivos substantivados no latim.

3. CONCLUSÃO

A língua está sujeita a transformações que ocorrem com o passar do tempo, uma vez que a língua é dinâmica e está sempre em constantes mudanças. Por esta razão seria impossível a língua chegar até nossos dias intacta, sem sofrer nenhuma ação do tempo. É fato, também, que estas transformações nem sempre ficam marcadas na memória dos falantes. Para tanto, é extremamente importante que se tenha conhecimento dos fenômenos linguísticos que causaram a evolução de nossa língua, desde sua origem até a atualidade.

Ao analisarmos a língua numa perspectiva diacrônica, encontramos respostas para diversos questionamentos acerca dos mecanismos linguísticos, tais como o entendimento do que leva uma língua a mudar de tempos em tempos. Este fato faz o linguista se questionar do motivo que leva uma língua passar por tais processos e não por outros; enfim, levantam questionamentos (como os deste artigo) que reflete uma



tentativa de compreensão do processo de dialeção do latim às línguas românicas sob o prisma da flexão nominal de gênero.

Laçamos um olhar, a partir do latim clássico, para as principais modificações acerca do processo da dialeção do latim para as línguas românicas, tais como: o desaparecimento das declinações, das terminações de caso, do gênero neutro; e das inovações como o surgimento dos artigos (determinantes dos nomes) e a fixação de uma estrutura rígida oracional (questão sintática). Chegamos, assim, a uma possibilidade de sistematização (um pequeno esboço da regra geral) do fenômeno da mudança que ocorre com a flexão nominal de gênero no português moderno, respondendo, com nossa análise, ao questionamento inicial deste artigo: *o que aconteceu com o gênero neutro latino?*

Assim, concluímos que o panorama da mudança da estrutura morfossintática do sistema flexional de gênero, durante a dialeção do latim, tem como principais causas para sua modificação o desaparecimento dos casos, o surgimento dos artigos como determinantes dos nomes, a redistribuições dos nomes conforme a VT para o gênero masculino ou feminino por pura e simples analogia.

Cabe ressaltar que a principal circunstância que diferencia o português arcaico do atual é o fato de que as regras fonológicas que levaram as modificações presentes hoje no português ainda não haviam atuado, o que leva a concluir que as regras existentes no português arcaico também poderão ser percebidas no português atual, uma vez que as mudanças na língua são contínuas, lentas, graduais e relativamente regulares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

_____. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1999.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Editora Ática, 1991.



INSTITUTO CAMÕES. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/tempo_lingua/07.html Acessado em: Março/2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix. 1977.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O Português Arcaico – Uma Aproximação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. port. de Celso Cunha: Martins Fontes, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina*. São Paulo: Saraiva. 1981.

BUENO, Francisco da Silveira. *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

CARDEIRA, Esperança. *O Essencial sobre a História do Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaicas ou Nova Gramática Portuguesa*. Salvador: Progresso Editora. 1956. XIV Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE. Caderno de Resumos. Maceió. 2008.

ROBERT A. HALL, Jr. *External History of Language Change*. Nova Iorque – Londres - Amsterdão, American Elsevier Publishing Company, Inc., 1974

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica*, 1931 (reúne *Lexeologia do Português Histórico*, 1921, e *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*, 1923).

STÖRIG, Hans Joachim. *A Aventura das Línguas: uma história dos idiomas do mundo*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

TARALLO, Fernando. *Tempos Linguísticos: itinerario historico da lingua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

WILLIAMS, Edwin B., 1938, *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Trad. port. de Antônio Houaiss: *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.